

## AS PAISAGENS CULTURAIS EUROPEIAS COMO REFERÊNCIAS ICÓNICAS -PAISAGENS DE ENCENAÇÃO DA EUROPA FORA DO CONTINENTE EUROPEU

**João Luís J. Fernandes**

Departamento de Geografia da Universidade de

Coimbra/CEGOT

jfernandes@fl.uc.pt

### **Resumo**

A globalização implica fluxos e deslocação de pessoas, ideias, diferentes formas de capital e elementos que, territorializados, condicionam os espaços geográficos. É devido a este movimento que as paisagens não são unidades homogêneas, estáveis e fechadas. A Europa e as suas expressões paisagísticas, aquelas que se vão construindo no interior deste continente, mas também as que, noutras regiões do mundo, a evocam, são um dos protagonistas desta globalização. Em diferentes partes do globo, a Europa continua uma referência icónica forte. Nos espaços de lazer e de imigração, em cidades encenadas e em lugares de consumo e divertimento, simulam-se geossímbolos europeus e copiam-se fragmentos de uma Europa muitas vezes lida de modo tradicionalista, fragmentado e estereotipado. Nesse sentido, a paisagem pode ser uma boa forma de ler e interpretar as contradições da pós-modernidade.

Neste texto pretende-se, por um lado, demonstrar que as paisagens contemporâneas são de difícil classificação e constituem realidades híbridas. Por outro, tem por objetivo provar que existe uma visão estereotipada e icónica de uma Europa que constitui uma referência em diferentes partes do globo. Esta demonstração será, em termos metodológicos, analisada pela observação e comparação de diferentes paisagens à escala global, sobretudo no que se refere aos elementos simbólicos que as identificam. Com esta investigação, confirma-se que a Europa continua a preservar um forte capital identitário numa dinâmica global que, em termos simbólicos, procura associar-se aos ícones deste velho continente.

**Palavras-Chave:** Europa, Paisagem, Encenação, Pós-Modernidade.

### **Abstract**

Globalization is supported by flows and movement of people, ideas and different varieties of capital that can be territorialized with visible results in the shaping process of landscapes. Following this dynamic

process, landscapes are not homogeneous, stable and closed units. Europe and its landscape expressions, those that are building inside this continent, but also those located in other regions of the world, is still an important protagonist of this globalization. In fact, Europe remains a strong iconic reference. In leisure spaces and immigration geographies, in new residential quarters but also in consumption and hedonist territories, Europe is a recurrent simulated model. However, this European continent is usually seen by a traditionalist, fragmented and stereotyped procedure. In this sense, landscape can be a good way to read and interpret the contradictions of postmodernity.

As exposed in the following text, contemporary landscapes are hybrid realities difficult to classify. This work aims to prove that still remains a stereotypical view of an iconic Europe as a reference in different parts of the globe. In methodological terms, the research is achieved by the observation and comparison of different landscapes on a global scale, with a special focus on symbolic elements that identify them. This research confirmed that Europe continues to maintain a strong identity capital, which is copied by a global dynamic that requires the icons of this old continent.

**Keywords:** Europe, Landscape, Simulacrum, Postmodernity.

## **Nota introdutória – o (ainda) valor simbólico da Europa**

No atual contexto de dúvidas e incertezas, não se deve confundir a Europa enquanto espaço geográfico e referência cultural, com os constantes questionamentos do projeto europeu, nem misturar os tempos longos e as dinâmicas estruturais com as imprevisibilidades conjunturais de curto e médio prazo.

Muito para além do redutor discurso económico que parece marcar a contemporaneidade, este continente deve ser visto na sua diversidade interna mas também enquanto protagonista ativo no contexto global e como território de múltiplos atores que se têm destacado em momentos marcantes da história da humanidade.

É certo que o centro de gravidade do mundo é hoje difuso, que as relações de poder são complexas e que, em múltiplos aspetos, a centralidade parece escapar ao continente europeu. Todavia, muitos lugares da Europa estão ligados ao avanço da ciência e da filosofia, ao progresso das populações e ao alargamento geral das fronteiras da estética, do conhecimento, da criatividade e da inovação.

Tendo como referência múltiplos domínios científicos e humanistas, são muitos os lugares europeus que fazem parte da geografia de espaços que assumiram alguma forma de centralidade global ao longo do tempo (Moura, 2013).

Entre idas e vindas, a Europa tem desempenhado papel relevante na mobilidade espacial da população. Este é um continente de acolhimento de vértices de diásporas não europeias, mas também a origem de múltiplas redes emigratórias que se têm difundido um pouco por todo o mundo.

Em diferentes contextos históricos, a Europa tem sido lugar de chegada mas também ponto de partida, num movimento espacial que envolve os migrantes que se deslocam mas também as diferentes formas de capital que se associam a estas deslocações. Refiram-se aqui os fluxos financeiros e económicos, assim como aqueles que representam capital social e cultural.

De alguma forma, essas mobilidades reforçam a conetividade funcional e simbólica entre a Europa e o resto do mundo. Por tudo isso, o continente europeu apresenta uma imagem forte no contexto global. Em termos de identificação simbólica, alguns dos seus espaços urbanos são referências que ultrapassam as fronteiras desta região continental. Não se trata aqui da presença de algumas cidades europeias no denominado Arquipélago Metropolitano Mundial, mas sim da influência cultural e da atratividade geral exercida por estas.

Assim se vai desenhando uma Europa fora do continente europeu, uma Europa de referências que, com as devidas oscilações conjunturais, vão atraindo, num complexo processo de *feed-back*, estudantes e turistas, imigrantes e investidores.

Contudo, uma determinada paisagem simbólica europeia, aqui entendida enquanto representação, é também um fator de coesão identitária e, seguindo Rogério Haesbaert (2004), de reterritorialização das comunidades emigrantes em espaços geográficos de chegada, como o continente americano.

Enquanto atores em movimento, as diásporas completam ciclos de desterritorialização-reterritorialização, isto é, de perdas de controlo de território (no ponto de partida) e (tentativas) de recuperação de poder e reconstituição territorial nos lugares de chegada (Haesbaert, 2004). É assim que, por vezes em lógicas de maior confinamento, noutros casos seguindo modelos mais permeáveis ao exterior, se invocam e encenam paisagens europeias (ou elementos de paisagens, como a arquitetura, por exemplo), em ambientes geográficos exógenos ao continente europeu.

Por outro lado, muitas paisagens da pós-modernidade, estas aqui entendidas no que têm hoje de espetáculo do efémero, do encenado e do plastificado, convocam ícones europeus em contextos geográficos fora da Europa. Conjugando-se aqui o lazer com a associação simbólica ao Velho Continente, assim como a imagem e o marketing territorial a uma vaga tentativa de

identificação, assim se registam as espacialidades das múltiplas evocações de, apenas alguns exemplos, Paris e da Torre Eiffel; de Londres e do Big Ben; de Roma e do seu coliseu, por vezes em contextos geográficos que, deste modo, se europeizam.

Neste texto pretende-se demonstrar que as paisagens contemporâneas são de difícil classificação e constituem realidades híbridas. Não é possível traçar fronteiras rígidas e inflexíveis entre diferentes unidades paisagísticas, uma vez que se podem identificar elementos espaciais em movimento e com formas muito diferenciadas de territorialização.

Este trabalho tem ainda por objetivo demonstrar que persiste uma visão estereotipada e icónica de uma Europa que se afirma como uma referência em diferentes partes do globo. Em termos metodológicos, esta demonstração far-se-á pela observação e comparação de diferentes paisagens à escala global, sobretudo no que se refere aos elementos simbólicos que as identificam. Com esta investigação, confirma-se que a Europa continua a preservar um forte capital identitário num mundo que, sob o ponto de vista simbólico, se associa aos ícones deste velho continente.

## **1. As paisagens na pós-modernidade – entre os instrumentos de classificação e conservação e as novas realidades digitais**

Em múltiplas escalas geográficas e no âmbito de muitas instituições, algumas de âmbito local (como alguns municípios portugueses), outras de abrangência mais alargada (como o Estado português, a União Europeia ou a Unesco), têm-se desenvolvido esforços para preservação das identidades locais e valorização das paisagens que representem especificidades geográficas deste ou daquele lugar, que honrem esta ou aquela referência do passado. Assim se criou a rede nacional de áreas protegidas; assim se discutiu e assinou a convenção europeia da paisagem ou se tem alargado a rede mundial de património comum da humanidade.

Seja por imperativos de ordem cultural mais vasta, como o culturalista e difuso objetivo de preservação da geodiversidade e da diferenciação de cada lugar, seja por meros propósitos utilitários de afirmação turística, esta nova ordem de gestão do espaço geográfico tem assumido um forte carácter paisagístico.

Para além da valorização dos métodos de participação ascendente, o modelo territorialista de desenvolvimento recentrou o foco na paisagem e no espaço geográfico, nos

sinais de uniformidade mas também, e sobretudo, nos traços diferenciadores e nas rugosidades dos lugares (Fernandes, 2012b).

É com este propósito que se faz a análise da paisagem, se procuram conhecer as suas dinâmicas, os elementos que a constituem, os riscos em que incorrem. Levantam-se realidades estatísticas; identificam-se e cartografam-se aqueles que se reconhecem como os principais valores patrimoniais; fazem-se coberturas fotográficas, registando lugares e perspetivas colocando as novas máquinas digitais ao nível do solo e do olho humano, mas procurando também novos pontos de observação e captação de imagens, mostrando, pela fotografia aérea, horizontes mais alargados (Jorge, 2007).

Neste trabalho, dá-se relevo ao visível, ao estético e ao material, mas procura-se o que está para além dessa leitura imediata. Neste novo contexto polissémico e multissensorial, tenta-se descobrir o que é menos óbvio mas que está lá, o que parece oculto mas que marca a territorialidade dos diferentes atores que consomem, apropriam e modelam essa paisagem. Os sons e os cheiros, os sabores e as narrativas, tudo concorre para uma visão mais ampla da paisagem, que passa a ser também sonora, olfativa, gastronómica ou biográfica (Gaspar, 2001).

Tudo se complica quando, seguindo autores como Tuan (1980) ou Cosgrove (2008), a paisagem é considerada não uma realidade universal e estética mas sim um ponto de vista, uma leitura pessoal, o resultado individual de um determinado olhar, o resultado de uma determinada perceção.

Seja como for, domínios do saber como a Geografia, a História, a Arqueologia, a Agronomia ou a Arquitetura têm imprimido uma assinatura científica a um trabalho que une académicos a técnicos de diferentes áreas, políticos a associações de desenvolvimento local.

Apesar da limitação de escala que impõe, a paisagem assume-se como um objeto privilegiado de investigação e trabalho mas também como um argumento essencial nas estratégicas trajetórias de desenvolvimento.

Este regresso aos valores da paisagem e ao espaço geográfico, que não deve ser entendido como um ponto abstrato, mas sim como uma realidade dinâmica e espessa, por vezes tem incorrido nalguns excessos e exageros de linguagem. Com efeito, num exercício que parece querer cristalizar o tempo e o espaço, procura-se o genuíno, o único, o tradicional, como se também nestes casos a realidade não se fizesse a jusante das mudanças, dos contactos, das trocas e da inovação que estas proporcionam.

Por outro lado, mais que um espaço de vida, a paisagem é conteúdo digital em indústrias criativas que privilegiam a imagem visual. Fotografam-se e filmam-se os contextos paisagísticos que podem agora ser manipulados, alterados nas suas componentes técnicas, realçando aqui a luz de um determinado momento, ali a sombra de um qualquer recanto urbano, noutra contexto o azul da água límpida de um potencial destino turístico ou, noutras circunstâncias, o bucólico verde de algum prado.

Nesta apropriação pós-moderna da paisagem, esta pode não ficar retida nas múltiplas memórias que hoje medeiam a vida quotidiana – a memória de sempre, a que acompanha todo o ser o humano, mas também a que se materializa em cartões digitais com uma capacidade que tem evoluído no sentido inverso do seu tamanho, que se reduz agora à escala nano. A paisagem é um cenário que se regista, de modo mais ou menos amador, mais ou menos profissional, mas também que se divulga, se difunde, se transmite por meios cada vez mais alargados de transporte e comunicação, em especial no domínio da internet.

Redes sociais, como o Facebook; ferramentas de alojamentos e divulgação de vídeos como o Youtube; blogues generalistas ou especializados; diferentes publicações *on line*, todos concorrem para uma certa hipertrofia de paisagens digitais que fazem parte de uma tendência de fundo – a pós-moderna hipervisualização que marca uma sociedade mais personalizada e mais dependente de ecrãs omnipresentes (Lipovetsky e Serroy, 2010).

É esta a contradição e a dialética dos tempos, de uma sociedade que consome e procura mais paisagem, que vê nesta um campo de descoberta e de terapêutica; mas também de um ator que, ao mesmo tempo e cada vez mais, a apropria em ambientes intermediados pelos códigos binários da linguagem digital.

Quer isto dizer que os esforços e os paradigmas da conservação identitária da paisagem decorrem num contexto específico de rápidas mudanças, num espaço-tempo caracterizado pela hipermobilidade de alguns fluxos económicos, sociais ou culturais. Tudo isto contribui para o desarranjo do que se entendia imutável e estacionário. Tudo concorre para um aparente caos e para uma desordem que pode ser renovadora.

A difusão ampla, mas não ubíqua e universal, de uma sociedade hedonista e personalizada de tipo ocidental, tem uma tradução espacial. Assim se registam novas paisagens, estas agora mais marcadas pelo efémero, pela flexibilidade, pelas fronteiras difusas, pela plastificação. Nesta pós-modernidade geográfica, estes espaços da nova sociedade digital de lazer, turismo e de consumo coexistem com outros, com os que persistem do passado, dos

tempos longos de uma tradição que a atualidade ora insiste na sua desconstrução, ora procura cristalizar em redomas (patrimoniais) de memória e nostalgia (Domingues, 2012).

Esta nova realidade paisagística é mais híbrida, polissémica e eclética mas, longe de um vazio, não é desprovida de significados. Pelo contrário, na sua fluidez e instantaneidade, procura referenciais e conteúdos simbólicos. É neste âmbito que, fora da Europa, se tem evocado o continente europeu, se resgata o Velho Continente em contextos geográficos exógenos aos elementos que se transportam. Porque esta pós-modernidade é também o tempo de alargamento dos simulacros (Baudrillard, 1991).

Não quer isto dizer que a cópia não tenha marcado o passado, que a difusão de imitações de originais não tenha modelado muitas paisagens ao longo da História. No entanto, a velocidade, a escala, a menor espessura da imitação e a quase sempre associação ao consumo e à permanente viagem, real ou encenada, trazem alguma originalidade aos tempos que correm.

Nem sempre é fácil entender a realidade paisagística contemporânea, sobretudo num mundo instável marcado pela circulação e pela mudança, por uma certa plastificação de realidades que vão mudando de forma acelerada. Vive-se uma aparente desordem, que nos faz encontrar em determinados referenciais geográficos o que não se espera encontrar, aquilo que, à partida, poderá não fazer muito sentido naquela localização, por se estar fora de contexto, por ter ali sido acrescentado, quantas vezes sem sentido e sem justificação aparente.

É neste contexto que se discutem as referências europeias fora da Europa, se procuram entender os símbolos paisagísticos europeus que vão marcando muitas das paisagens pós-modernas localizadas noutros lugares do mundo.

## **2. As paisagens europeias fora da Europa – uma viagem empírica e analítica por alguns exemplos**

Antes de procurar uma sistematização destas dinâmicas contemporâneas que, sob o ponto de vista estético mas não só, vão construindo e modelando certas paisagens, será interessante aqui evocar alguns dados empíricos e fazer uma pequena viagem por este mundo em movimento que vive numa aparente desordem, de ícones deslocalizados que se apropriam longe dos seus lugares de origem.

A viagem empírica por exemplos soltos pode começar pela nova China em construção. Esta opção não é casual. O arranque económico chinês, a concentração da população em áreas urbanas e a expansão do negócio especulativo associado ao imobiliário, têm construído paisagens que, marcadas pela destradicionalização, buscam um modelo e uma aproximação simbólica à Europa e a outras regiões da cultura ocidental, como os Estados Unidos da América ou o Canadá. Paisagens pós-modernas de imitação, nesta nova geografia urbana evocam-se outros espaços geográficos e recriam-se ambientes geossimbólicos exógenos.

“The suburbs of China’s megalopolises, larger cities, and even smaller towns in provinces throughout the country—such as Beijing-Tianjin-Tangshan, Guangzhou- Hangzhou-Shenzhen, Anhui, and Sichuan (among many others)—are a surprising quilt of European and American Grand Tour destination sites. Tracts recently occupied by collective farms now boast sparkling versions of Paris, Venice, Amsterdam, London, Madrid, and New York. In homes, civic buildings, and government offices cast in historical revival styles from Europe and the United States, upwardly mobile Chinese go through the familiar paces of life in unfamiliar settings. Their alien homes are part of a mammoth trend of “duplitecture” that is striking both in the minuteness of its attention to detail and the ambitious scope of the replication. Western-style structures are found not in isolation, scattered throughout the existing urban fabric, but in dense and extensive themed communities that replicate identifiable Western prototypes. Entire townships and villages appear to have been airlifted from their historical and geographical foundations in England, France, Greece, the United States, and Canada and spot-welded to the margins of Chinese cities”.

(Bosker, 2013, pp.1-2)

Para Hartog (2009), esta tendência estética pretende criar identidade em lugares que não a possuem. Este surto de urbanização, que procura abrigar os fluxos migratórios em direção à cidade, é rápido na edificação e pretende igual velocidade em valores que, na verdade, são mais lentos, demorados e negociados – a construção de uma determinada atmosfera estética, cultural e geossimbólica (Bonnemaison, 1981).



Tal como refere Bosker (2013), não se tratam de réplicas isoladas e dispersas em malhas urbanas densas, mas sim blocos contínuos de construção com formas que replicam o que existe noutras partes do globo. A Europa é, neste ponto de vista, uma inspiração.

Foi deste modo que Hallstatt, cidade austríaca classificada Património Mundial da Unesco, foi evocada e replicada na cidade chinesa de Hiuzhou. Parte da nova cidade de Songjiang, foi construída seguindo o estilo inglês das casas Tudor reproduzindo elementos icónicos das cidades inglesas, como a igreja gótica (a de Bristol terá sido a inspiração), os *pubs*, uma estátua de Churchill ou ainda seguranças com uniformes que fazem lembrar a guarda real britânica.

Também na China, tratam-se apenas de exemplos, se reproduziu a London Tower Bridge na cidade de Suzhou (na província de Jiangsu), a chamada Thames Town, um lugar muito atrativo para a classe média chinesa que, por exemplo, ali vai em busca de cenários para fotografias de eventos variados, como os casamentos. Cidades como Gaoqiao, em Xangai, inspiraram-se num ambiente urbano holandês. Na cidade de Anting (a 30 km de Xangai), foi criada uma área urbana para 20 mil residentes denominada "German Town Anting.". Modelizada a partir de uma cidade média alemã, inspirou-se no estilo Bauhaus e criou espaços evocativos de celebridades germânicas, como Goethe e Schiller.

Esta nova simbologia geográfica deixa registo em áreas residenciais mas também em espaços de lazer e consumo. Assim se encontra o parisiense Arco do Triunfo, representado e replicado num centro comercial chinês – o New South China Mall, em Dongguan. Alegoria da globalização, este espaço de consumo é uma viagem de evocação e simulacro estereotipado de lugares como Amesterdão, Paris, Roma, mas também a Califórnia e o Egipto. Para além do Arco do Triunfo, também lá está uma réplica da Torre do sino da Praça de São Marcos (a Campanile), assim como um canal de 2,1 km com gôndolas.

A associação icónica de espaços de lazer e consumo ao exterior tem um dos seus pontos altos na nova paisagem de Macau. Na arquitetura, nos hotéis e casinos macaenses, viaja-se pelo mundo ocidental, por lugares, estéticas e patrimónios como, entre outros, o Arco da Rua Augusta, em Lisboa; o edifício Gherkin, de Londres; Veneza, a Praça de S. Marcos e, mais uma vez, os canais desta cidade italiana; as ruínas da Roma imperial; as cidades flamengas e os ambientes britânicos, nos quais se associam as personagens à arquitetura.

Paisagem pós-moderna excessiva, hipervisual e estimulante na forma como faz a exaltação dos sentidos, o novo território do jogo e do consumo em Macau é a expressão dos tempos e de uma forma muito particular de territorialização do capital nesta China em

crescimento. A evocação do ocidente faz-se no exterior das construções, marcando, deste modo, o espaço público, mas ocorre também no interior dos edifícios, em espaços que promovem ritmos e modos de estar inspirados no que está longe mas constitui uma referência mediática, como as viagens de gôndolas num célebre espaço comercial em Cotai (Macau) (figura 1).

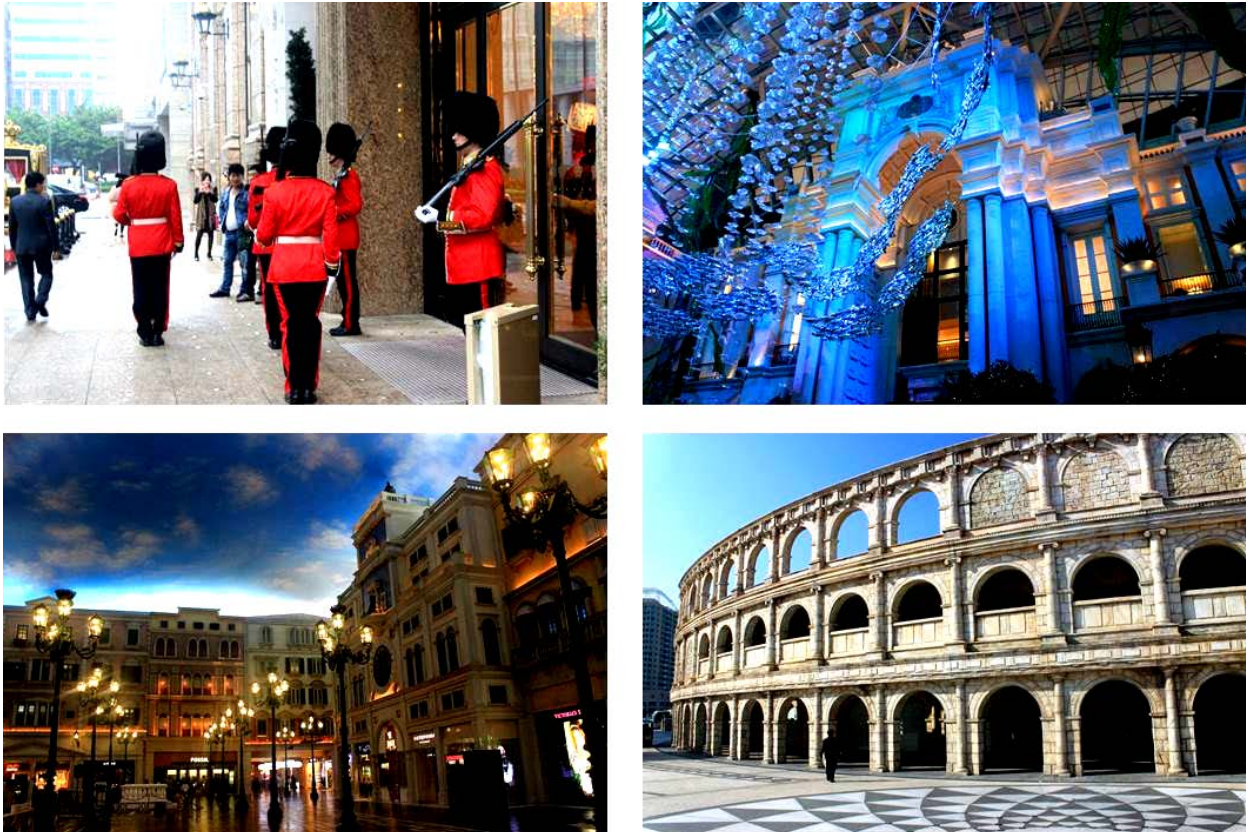


Fig. 1 – Encenação de um ambiente britânico; do Arco da Rua Augusta (Lisboa); da Praça de São Marcos (Veneza) e do Coliseu de Roma, em Macau

A estética e o ambiente replicado destes espaços do consumo e do jogo não são novidade. Para além de reproduzirem a imagem que se tem da Europa e de outras partes do mundo, a paisagem tecnológica de espetáculo, de luzes, cores e sons que atrai o capital da China continental a Macau é a evocação de outro espaço urbano – Las Vegas, no estado norteamericano do Nevada. Cidade noturna, também este território do jogo promove uma viagem pelo mundo estereotipado de geossímbolos europeus e não europeus (Fox, 2005). Veneza lá está, numa localização próxima de Nova Iorque e da Estátua da Liberdade, não muito longe das pirâmides egípcias.

Os símbolos repetem-se e os métodos reproduzem-se porque o ator, aquele que modela esta paisagem de sedução, é a empresa privada. Esta é um ator de geografias complexas, está em Macau e pode estar em Las Vegas ao mesmo tempo. Esta descontinuidade espacial, apenas para citar um exemplo concreto, transporta a imagem de Veneza para lugares tão distantes como o deserto de Nevada e a foz do Rio das Pérolas. Neste caso, o Venitian Resort Hotel Casino é protagonista geográfico na capital norteamericana do jogo mas também em Macau. Assim se criam paisagens *de franchising*, territórios de consumo que nascem da forma como a economia se organiza em redes, espaços que vão repetindo simbologias de sedução e promovendo experiências deslocalizadas, como se fosse possível subir a uma gôndola em pleno deserto no interior dos EUA ou num terraço continental que se conquistou ao rio que separa Macau de Hong Kong.

Em Las Vegas destaca-se a réplica de um outro ícone – a Torre Eiffel, expressão máxima da capital francesa e uma evocação mundial de Paris. Esta é a cidade das Luzes, do romance e da moda, território do glamour e do charme, cidade das correntes artísticas com uma relevância que muito deve ao esplendor cultural que França viveu no século XIX e na primeira metade do século XX.



Fig. 2– Hotel-Casino Paris Las Vegas, onde se destaca uma réplica da Torre Eiffel, à escala ½.



Em las Vegas, a torre Eiffel está encenada no Hotel-Casino Paris Las Vegas, onde também se colocaram outras evocações à capital francesa como, mais uma vez, o Arco do Triunfo ou uma *Fontaine des Mers* semelhante à existente na Praça da Concórdia (figura 2).

Símbolo do modernismo e da industrialização, da era do ferro e da engenharia, a Torre Eiffel foi apropriada pela pós-modernidade e pela globalização. Assim se multiplicou, deslocalizou e miniaturizou, assim também se inovou em tamanhos, texturas, enquadramentos paisagísticos e adereços. Deslocalizando um dos mais icónicos símbolos urbanos do mundo, existe uma extensa geografia de réplicas desta torre parisiense que, dentro da própria Europa, mas também fora desta, nos leva a lugares que vão do Paquistão, ao Cazaquistão, da Índia à África do Sul e ao Brasil (figura 3).

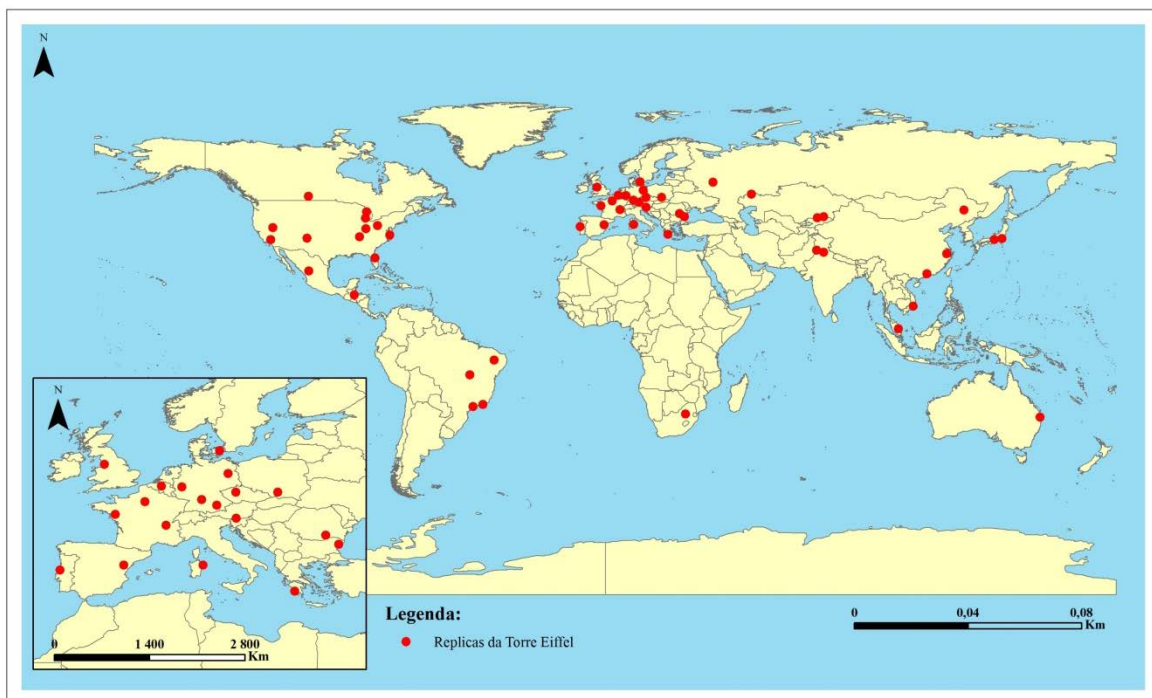


Fig. 3– Distribuição mundial das réplicas da Torre Eiffel, em Maio de 2013.

Iniciativas privadas, algumas, obras públicas outras, a autoria destas torres é diversificada, como também é variável a escala, são variáveis os materiais e diversos os usos dados a essas construções, estéticos na maior parte das vezes, para distribuição de sinais de comunicação, noutras. Nesta transmutação geográfica, a Torre Eiffel não foi arrancada do sítio original, o *Champ de Mars* parisiense, mas aparece agora noutros contextos, junto a lojas, em parques temáticos, no topo de telhados fabris, nalgum espaço verde. Nestas paisagens

transgênicas (Domingues, 2012), manifestam-se identidades híbridas, como aquela que acrescenta um chapéu texano à réplica da torre localizada naquele estado norte-americano (figura 4).



Fig. 4 – Réplica da Torre Eiffel, em Paris (Texas, EUA).

Os países que, como os da América do Sul, têm estado associados à Europa por via de fluxos migratórios nos dois sentidos, constituem outro dos cenários onde é possível encontrar estes símbolos evocativos da paisagem e da identidade europeia.

Em pleno sertão cearense, no nordeste brasileiro, perto de Santana do Cariri, foi edificado um parque temático denominado Euroville. Iniciativa individual de um antigo emigrante na Europa, lá se localiza a casa francesa, a grega ou a portuguesa, lá se encena também a Torre Eiffel, numa paisagem de exposição que copia, encena e comprime realidades exógenas.

Ainda no Brasil, na paisagem urbana de Belém do Pará, identificamos traços do La Scala, de Milão, reproduzidos na fachada do Theatro da Paz, tal como ocorre também com o Teatro Amazonas, edificado, na mesma época, em Manaus. Construído na segunda metade do século XIX, no período áureo do ciclo da borracha, a certificação simbólica deste progresso económico fez-se invocando a célebre casa de espetáculos da cidade italiana.

Na mesma capital do estado do Pará, este esplendor também se promoveu pela filiação a Paris, às suas referências e ao seu modelo urbano. Na morfologia daquela cidade inscreve-se ainda o projeto do *bouvelard* que, a partir da capital francesa, deixou marcas em muitos espaços urbanos europeus e não europeus.

Num outro registo, talvez mais pós-moderno, de certeza mais plastificado, efêmero e *Kitsch*, a cidade de Belém do Pará está polvilhada por simulacros do Big Ben londrino. Bandeira de marketing de uma cadeira comercial, a torre, o sino e o relógio instalados no Palácio de Westminster, são agora objeto de uma cópia livre de gosto duvidoso, reduzidos na sua dimensão e distribuídos por este centro urbano já na Amazônia brasileira.



Fig. 5 – Encenação do Big Ben londrino, num espaço comercial em Belém do Pará (Brasil)

Seguindo esta viagem ainda por exemplos brasileiros, no chamado Vale Europeu, em Santa Catarina, encontra-se um relevante laboratório de observação e análise. Naquela região mas também noutras, como no Rio Grande do Sul, são muitos os vestígios geossimbólicos da Europa trazidos e territorializados por comunidades de imigrantes que, desta forma, quase sempre com ajustamentos às novas circunstâncias, se reterritorializaram evocando os lugares de partida.

Não é difícil identificar a influência que a comunidade italiana, que se foi instalando naquele estado depois do século XIX, teve na difusão da vinha pela serra gaúcha.

Os italianos trouxeram a vinha, mas deixaram também uma marca nos lugares que iam fundando e organizando. Nalguns espaços do município de Rio Maior, no sul de Santa Catarina, a estrutura dos povoados, a organização dos territórios habitacionais, a forma das igrejas e o conteúdo de algumas práticas religiosas, em tudo remetem para uma herança italiana que agora se vai adaptando ao novo contexto geográfico (Luca e Santiago, 2011).

No mesmo estado de Santa Catarina, ainda no Vale Europeu, pode-se viajar para Blumenau e assistir à *Oktoberfest* – uma festividade alemã numa cidade com atmosfera germânica. Pela estética e pela arquitetura, através de práticas de celebração e evocação do passado, por *parades*, concursos de beleza e consumo de cerveja alemã, assim se afirma a identidade e a filiação desta comunidade de origem europeia.



Fig. 6– Celebrações europeias no estado de Santa Catarina (Brasil): a *Oktoberfest* e a *Tirolfest*



Esta lógica insular de consagração do passado também por interesse da estratégia de afirmação turística, encontra-se em cidades como Treze Tílias (LEMONS, FREGA e SOUZA, 2008). Localizada em Santa Catarina, ali se faz a exaltação da herança austríaca e do denominado Tirol brasileiro. Festividades como o *tirolfest* e expressões como a música ou a arquitetura são meios de afirmação e filiação a uma identidade híbrida e de dupla pertença (figura 6).

As paisagens do Brasil, país multicultural e de imigração, revelam essa diversidade, traduzem tempos heterogêneos e ciclos históricos muito diferentes. Lá estão as paisagens mais aceleradas da contemporaneidade mas também as heranças mais ou menos folclorizadas dos fluxos migratórios europeus do século XIX. Lá se encontram as invocações espaciais da comunidade japonesa no Bairro da Liberdade, em São Paulo, mas também os registos mais densos, demorados e estendidos no tempo da colonização por Portugal. Não é difícil sinalizar um certo ambiente português em cidades como Ouro Preto ou S. Salvador da Bahia, não só no uso da língua portuguesa mas também nas fachadas das casas, na estética das igrejas, no traçado de algumas ruas, em muito do património classificado.

Desde logo, nestas paisagens que temos vindo a acompanhar, misturam-se pelo menos dois domínios. Por um lado, temos os territórios de tempo longo, como a herança portuguesa no Brasil, os topónimos de municípios portugueses no Estado de Belém do Pará, por exemplo, ou a herança francesa no Quebeque. Por outro, somos confrontados com o mundo da ilusão, do entretenimento pós-moderno dos parques temáticos, dos hotéis e casinos e de outros espaços de consumo. A tudo isto acrescentem-se as paisagens deslocalizadas e clonadas das novas formas de urbanismo em países como a China.

Estes exemplos não passam de um fragmento, de casos pontuais que testemunham mas não esgotam as dinâmicas complexas que marcam o mundo contemporâneo sob o ponto de vista geográfico.

Este policromismo territorial interpela o geógrafo, desde logo na procura da aparente (des) ordem na qual se terá tornado esta contemporaneidade. Afinal, que mundo é este? Será esta heterogeneidade espacial ainda geográfica?

### **3. As paisagens europeias fora da Europa – uma síntese possível**

Observado sob múltiplas perspetivas, este suposto caos implica territorialidades, modela paisagens, coloca em jogo dinâmicas como a difusão espacial e a deslocalização.

Esta pós-modernidade híbrida continua geográfica mas, nalguns casos, implica geografias diferentes e inovadoras nas quais, ao espaço, se deve juntar o compasso diversificado dos



tempos. Como se referiu, no mosaico paisagístico de países como o Brasil, vêem-se os tempos longos da herança colonial mas também os ritmos instantâneos e efêmeros da contemporaneidade pós-moderna.

Existem dinâmicas diferentes e paisagens inovadoras. No entanto, esta mestiçagem espacial não é uma novidade absoluta. A difusão de elementos paisagísticos tem acompanhado os tempos históricos das sociedades humanas, territorializando-se aqui o que se vê noutra lugar. Tal como Paris e Nova Iorque nos tempos mais recentes, também no passado cidades como Atenas, Roma e Jerusalém serviram de inspiração a outros lugares, foram pontos de chegada e de partida, modelos que se mostraram noutras coordenadas geográficas.

O próprio colonialismo, impulsionado pela ideia de progresso, deslocizou elementos de paisagem, topónimos e construções, arquiteturas e infraestruturas, ou não fosse possível identificar, por exemplo, traços paisagísticos de inspiração inglesa em fragmentos de espaços tão distantes como o Quênia, a Índia ou a Austrália.

Este hibridismo paisagístico revela, por isso, diferentes contextos. É resultado de múltiplos impulsos e ritmos diferenciados, daqui derivando uma diversidade de paisagens, patrimoniais algumas, clonadas e encenadas outras.

Neste mosaico de paisagens híbridas e de fronteiras permeáveis encontram-se elementos das denominadas *ethnoscapes* (Appadurai, 2004). Paisagens de diáspora e de imigração, estratégia de reterritorialização de fluxos e de comunidades em movimento (Haesbaert, 2004, Fernandes, 2012a). Muitas destas paisagens agregam identidades, são símbolos da origem comum de minorias que se reúnem em torno do passado: "In the United States, for example, immigrants, driven by nostalgia for their homelands and by a desire for ready-made cultural markers of status and gravitas, became exceptionally adept at transplanting European townscapes to the new continent. The nineteenth century saw revivalist architecture blossom in the Hudson River Valley outside New York City, where wealthy landowners such as the Rockefellers sought to fashion the 'Rhine of America'. They drew their inspiration from Dutch city dwellings, Spanish monasteries, Italian piazzas, and English Gothic designs" (Bosker, 2013, p.6).

Espacializa-se o que se perdeu com a partida e com a desterritorialização. No entanto, mais que imitações, tratam-se de paisagens de imigração: "The various 'Chinatowns', 'Germantowns' and 'Little Italies' that do exist in many American cities are the products of immigration, rather than imitation, and reflect the cultural roots and traditions of their primary residents" (Bosker, 2013, p.7).

Ainda assim, encena-se o que está longe no espaço mas também o que está afastado no tempo. Em muitas destas manifestações de identidade, recria-se e conserva-se o vernáculo que já mudou na origem da diáspora. Viajar por estas manifestações de imigração pode ser uma experiência de deslocação no tempo, um retorno a uma tradição ali cristalizada mas já contestada no local de partida.

Estas *Ethnoscapes* coexistem com paisagens que se podem denominar como *Powerscapes*. Facto bem visível no período colonial, o exercício do poder político e económico tem levado à transferência de modelos de organização do território e de símbolos de afirmação e controlo. Assim se reconhece, por exemplo, a herança portuguesa na calçada portuguesa e no ambiente urbano de Macau, tal como em S. Salvador da Bahia, mas também noutras regiões do Brasil, como na Amazónia, para onde o Marquês de Pombal exportou o modelo municipal. Esta nova ordem pombalina reforçou o poder da coroa nacional sobre estes espaços mas permitiu, ao mesmo tempo, quer a difusão da língua portuguesa quer a expansão de topónimos hoje homónimos nos dois lados do Atlântico. Santarém, Óbidos, Alenquer, Alter do Chão, entre outros, servem aqui de exemplo.

Mas este mundo paisagístico contemporâneo está marcado por outras lógicas. As do hedonismo, do lazer e da imaginação, valores para os quais se modelaram *Fantasyscapes* (Bosker, 2013), espaços do espetáculo e da hipervisualização, da encenação para divertimento nos únicos lugares turísticos que são isso mesmo e não têm que conviver com nenhuma outra função – os parques temáticos.

Tudo isto nos remete para um mundo de simulações e *simulacrascapes* (Bosker, 2013) que, mais que construir uma geografia homogénea, a tornam mais complexa e difícil de entender.

Para Baudrillard (1991, p.9), “Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem”. De facto, trata-se de geografias de simulação, num mundo que é, todo ele, cinematográfico na forma como vive da imagem (Lipovetsky e Serroy, 2010).

Nesta lógica tanto se incluem as cidades europeias replicadas na China, como as réplicas que a Europa fez de si própria. Em muitas cidades destruídas durante a II Guerra Mundial, reergueram-se paisagens *pastiche* que encenam e replicam as de origem, que agora não passam de cópias, como acontece nos centros históricos de algumas cidades da Europa de Leste, como Varsóvia.

O mundo da simulação é variado. Podem resultar de atos individuais, do empresário que reproduz no Brasil o que, por qualquer razão, o fascinou lá longe, na Europa. No entanto, esta

geografia da simulação pode estar associada a estratégias coletivas de afirmação e de marketing territorial em lugares que assim se ocidentalizam e promovem.

Como, a propósito do caso chinês, refere Bosker (2013), este *simulacra movement* é também um meio de afirmação da China, da sua capacidade económica e tecnológica. Fazendo parte de um movimento mais global verificado em países emergentes como a Indonésia, Singapura ou os Emirados Árabes Unidos, esta apropriação do exógeno poderá significar mais do isso. Estas réplicas, apesar de criticadas como efémeras e pouco imaginativas, não são meros cenários pois moldam o comportamento (mais ocidentalizado) dos chineses, assim como os desejos e anseios quer dos criadores quer dos residentes e utilizadores desses empreendimentos: “The comprehensiveness of these copies has elicited criticism and derision on the part of Western and Chinese intellectuals alike, whose instinct is frequently to reject these themed communities as ‘kitsch’, ‘fake’, ‘temporary’, or ‘unimaginative and cliché’. But (...) these themed landscapes should not be so easily dismissed. Far more than shelter, these homes are, in subtle but important ways, shaping the behavior of their occupants while also reflecting the achievements, dreams, and even anxieties of their inhabitants and creators” (Bosker, 2013, p.3).

Assim se chega a um mundo apenas na aparência mais pequeno. Apesar de ser uma palavra popular, o termo globalização precisa ser decodificado e refletido pois esconde um mundo geográfico de dinâmicas muito heterogéneas, a ilusão de que tudo está próximo e que podemos estar em todo o lado, numa ubiquidade pouco mais que aparente.

A velocidade do mundo contemporâneo é social e espacialmente assimétrica mas vai marcando as identidades culturais (Hall, 2003). Estas experiências geográficas parecem encolher o globo. Viajamos e procuramos lugares mas, na verdade, são estes que também se aproximam do público consumidor, se mostram como cópias e representações do que está longe.

É este o mundo da contradição. Geográfico mas contraditório na forma como, ao mesmo tempo que se vive o frenesim da cópia e da deslocalização, se procuram proteger e classificar as paisagens que se aceitam como originais mas que, afinal, são também lugares conjunturais fruto de contactos, de trocas, de interações (Fernandes, 2012b).

Nesta realidade hipermoderna, fazem-se encenações estereotipadas e, muitas das vezes, tradicionalistas, da Europa, mas também dos Estados Unidos da América. No entanto, neste mundo em movimento, o contrário também é verdadeiro. Nas paisagens pós-modernas europeias também se fantasia África e a Ásia, também se reproduzem e encenam os jardins

nipónicos ou o mundo tropical dos areais brancos e das águas cristalinas. Esta plastificação da realidade ocorre nos dois sentidos. Contudo, objeto para outro ensaio, não se tratam de movimentos paralelos. As referências que se buscam na Europa não são as mesmas. Apesar da anunciada decadência cultural do continente europeu (Barzun, 2001), há um capital de imagem que se deve problematizar sempre que se discutir o futuro do Velho Continente.

## Bibliografia

Appadurai, A. (2004). *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema.

Barzun, J. (2001). *From Dawn to Decadence: 500 Years of Western Cultural Life 1500 to the Present*. New York: Harper Collins Publishers.

Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água.

Bonnemaison, J. (1981). Voyage autour du territoire. *L'Information Géographique*, 4, 249-262.

Bosker, B. (2013). *Original copies: Architectural mimicry in contemporary China*. Hawai: University of Hawai'i Press.

Cosgrove, D. (1998). *Geography and vision – Seeing, imagining and representing the world*. London, Tauris.

Domingues, Á. (2012). *Vida no campo*. Porto: Dafne Editora.

Fernandes, J. L. J. (2012a). Dynamics of cultural landscapes, identities and diffusion processes. In L. Marques, M. S. Pimentel Biscaia & G. Bastos (Ed.), *Intercultural Crossings: Conflict, Memory and Identity* (pp.23-35). Bruxells: Peter Lang.

Fernandes, J. L. J. (2012b). *Parques naturais e outras áreas classificadas no modelo de desenvolvimento português*. Coimbra: Terras de Sena.

Fox, W. (2005). *In the desert of desire. Las Vegas and the culture of spectacle*. Reno & Las Vegas: University of Nevada Press.

Gaspar, J. (2001). O retorno da paisagem à Geografia – apontamentos místicos. *Finisterra*, 72, 193-198.

Haesbaert, R. (2004). *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Hall, S. (2003). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Hartog, H. den (2009). *Shangai new towns – searching for community and identity in a sprawling metropolis*. Amsterdam: 4th International Conference of the International Forum on Urbanism.

Jorge, F. (Fot. e Coord.) (2007). *Portugal visto do céu*. Lisboa: Argumentum.

Lemos, I.; Frega, J. & Souza, A. (2008). *Empreendedorismo Étnico e Desenvolvimento Turístico de Treze Tílias*. VEGEPE, s/p.

Lipovetsky, G. & Serroy, J. (2010). *O ecrã global*. Lisboa: Edições 70.

Lipovetsky, G. (2013). *A Era do Vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa, Edições 70.

Luca, V. e Santiago, A. G. (2011). *A paisagem cultural em sítios históricos rurais de imigração italiana*. *Revista Labor & Engenho*, 5(1), 43-61.

Moura, V. G. (2013). *A identidade cultural europeia*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Tuan, Y.-F. (1980). *Topofilia*. São Paulo: Difel - Difusão Editorial.